

Mojitos com limões do campo: a produtividade das adversidades etnográficas

JOÃO FELIPE GONÇALVES

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v27i1p350-375

resumo Este artigo argumenta que certas adversidades encontradas no trabalho de campo etnográfico podem ser produtivas para a pesquisa antropológica. Para fundamentar esse ponto, o artigo discute três situações adversas enfrentadas pelo autor durante seu trabalho de campo em Cuba – um despejo, dois furacões, e algumas queimaduras – e o conhecimento etnográfico que elas lhes proporcionaram. Temas mais substantivos abordados incluem a ansiedade moral, a produção do Estado, a solidariedade informal, a economia de dádivas e a temporalidade cotidiana na Cuba contemporânea.

palavras-chave: Cuba; etnografia; temporalidade; Estado; furacões.

Mojitos with Field Limes: The Productivity of Ethnographic Adversities

abstract: This article argues that certain adversities encountered in fieldwork may be productive for anthropological research. To make this point, the article discusses three adverse situations faced by the author during his fieldwork in Cuba – an eviction, two hurricanes, and some burns – and the ethnographic knowledge that they made possible. The article's more substantive topics include moral anxiety, the production of the state, informal solidarity, the gift economy, and everyday temporality in contemporary Cuba.

keywords: Cuba; ethnography; temporality; the state; hurricanes.

Introdução

No es fácil. É quase impossível viver em Cuba atualmente sem ouvir – ou pronunciar – essa frase algumas vezes por dia. Como um refrão da vida cotidiana, os cubanos a empregam repetitivamente para se queixar de todo tipo de adversidades – das mais banais às mais extraordinárias, das mais globalizadas às mais específicas ao país. A expressão é

usada para comentar sobre o alto custo de vida, a dificuldade de ser atendido por um médico, as ineficiências da burocracia, a escassez de mercadorias, a obrigação de ir a atos políticos e patrióticos, a falta de ar condicionado no cinema, os ônibus apinhados de gente, as fofocas dos vizinhos, os conflitos no trabalho, a saudade dos familiares distantes, a morte de um amigo, o conservadorismo dos mais velhos, a indisciplina dos mais jovens, o calor, o frio, a chuva e a falta de chuva. Referindo-se especialmente ao seu uso pelos moradores de Havana, o escritor Abilio Estévez descreve a frase *no es fácil* como “un delicado eufemismo usado en cualquier circunstancia adversa, y para los habaneros todas las circunstancias son adversas” (2004, pp. 248-249). O refrão se generalizou de tal forma em Cuba desde a severa crise econômica e social dos anos 1990 que os cubanos que já viviam em Miami antes dessa época se referem pejorativamente aos que migraram mais recentemente como *los no-es-fácil*.¹

Viver pode não ser fácil em lugar algum do mundo, mas Cuba tem certas peculiaridades que levam seus habitantes a repetir tal refrão e a comumente descrever sua vida como uma *lucha*. Quando se pergunta a alguém como vão as coisas, por exemplo, uma das respostas mais comuns é um resignado *en la lucha*. Em um país onde os salários oficiais mais altos não garantem uma vida acima da linha de pobreza; onde a maior fonte de renda são as remessas de compatriotas que vivem no exterior; onde o sistema de duas moedas torna proibitivo para a maioria da população o preço de vários produtos básicos de alimentação, higiene e limpeza; onde há um déficit habitacional crônico; onde o transporte público é de péssima qualidade; onde a saúde e educação públicas estão altamente deterioradas; onde mudar-se para a capital requer difíceis autorizações estatais; onde a liberalização da economia aumenta as desigualdades sociais sem que o autoritarismo do governo diminua; onde o racismo se intensifica sem que os negros possam se organizar politicamente, não é de se espantar que as pessoas sintam e descrevam sua vida como uma luta que não é fácil (PÉREZ-STABLE, 1993; ECKSTEIN, 2003; SAWYER, 2006; RODRÍGUEZ RUIZ et al, 2010; GONÇALVES, 2017).

Um lugar assim, em que as dificuldades diárias são um dos assuntos mais populares e corriqueiros, é particularmente adequado para discutir as adversidades do trabalho etnográfico. Se clássicos da antropologia como Malinowski (1922), Evans-Pritchard

¹ A pesquisa em que esse artigo se baseia foi financiada por uma International Dissertation Research Fellowship do Social Science Research Council e por uma Bolsa de Pós-Doutorado da FAPESP (processo 2013/23833-8). Agradeço a ambas instituições pelo generoso apoio recebido. Agradeço ainda, pelo frutífero diálogo, a meu orientador de doutorado, Stephan Palmié, e à supervisora de meu pós-doutorado, Lilia Schwarcz.

(1940) e Geertz (1973) nos ensinaram que aquilo que fascina os sujeitos da pesquisa deve também fascinar os que os estudam, um cubanista deve necessariamente se interessar pelas imponderáveis tribulações da vida cotidiana na ilha. Portanto, refletir sobre o trabalho de campo ali envolve refletir sobre as adversidades que o permeiam. Muitas foram as minhas dificuldades cotidianas nos vários períodos de pesquisa etnográfica que passei em Cuba desde 2001, e, à medida que conhecia melhor o país, me identificava cada vez mais com as constantes reclamações sobre viver nele. Nunca me senti tão cubano ou tão havanês como quando me vi lamentando espontânea e repetidamente que *no es fácil*.

Mas o foco deste artigo não são tanto as adversidades comuns do meu dia-a-dia em Havana – que eram mínimas em comparação àquelas enfrentadas por meus amigos e interlocutores cubanos – mas três fortes experiências negativas que marcaram o período mais longo que passei continuamente na ilha – doze meses entre 2008 e 2009 – e que exemplificam que o trabalho de campo também *no es fácil*. A primeira experiência foi composta de um engodo e um despejo: depois que passei mais de um mês renovando o malconservado apartamento da filha de uma amiga para morar nele, elas romperam nosso acordo e me expulsaram do lugar para alugá-lo a outros estrangeiros por um preço mais alto. A segunda foi uma feroz temporada ciclônica: dois devastadores furacões passaram por Havana com um intervalo de menos de dez dias enquanto eu vivia ali. A terceira foi um acidente: queimei ambas pernas ao deixar cair sobre elas uma panela de água fervente, o que me deixou de cama por trinta dias. Inspirado por uma excelente etnografia que analisa um movimento social em assentamentos informais sul-africanos a partir de suas relações com os quatro elementos da natureza (CHANCE, 2018), observo que minhas experiências também remetem a combinações desses elementos: a primeira, da terra e do ar; a segunda, do ar e da água; e a terceira, da água e do fogo.

Experiências negativas como essas são o material daquela dimensão do trabalho etnográfico que Roberto Da Matta descreveu como

os aspectos que aparecem nas anedotas e nas reuniões de antropologia, nos coquetéis e nos momentos menos formais. Nas histórias que elaboram de modo tragicômico um mal-entendido entre o pesquisador e o seu melhor informante, de como foi duro chegar até a aldeia, das diarreias, das dificuldades de conseguir comida e – muito mais importante – de como foi difícil comer naquela aldeia do Brasil Central. (DA MATTA, 1978, p. 3)

Desde que essas linhas foram publicadas pela primeira vez, esses aspectos possibilitadores do *anthropological blues* deixaram de ter o aspecto oral e quase invisível que seu autor corretamente apontava então. Depois do giro reflexivo da antropologia anglófona dos anos 1980 e 1990 – exemplificado por coletâneas como *A Crack in the Mirror* (RUBY, 1982), *Writing Culture* (CLIFFORD; MARCUS, 1986) e *Women Writing Culture* (BEHAR; GORDON, 1995) – discussões sobre as adversidades enfrentadas por antropólogos em campo se tornaram relativamente comuns na escrita etnográfica. Décadas depois da retração dessa onda reflexiva, a narrativa dos reveses da pesquisa marca muitas etnografias. Embora salutar e necessária, essa discussão às vezes revela e estimula uma romantização do trabalho etnográfico que concede certo heroísmo ao pesquisador. Várias narrativas de percalços do trabalho de campo podem ser lidas como cicatrizes que se mostram orgulhosamente para revelar os sacrifícios feitos durante a pesquisa antropológica. Ainda que talvez de forma não-intencional, o antropólogo se constrói assim como um romântico herói sacrificial.

Tentarei aqui ir contra essa romantização das adversidades do campo e, discutindo os episódios que citei acima, exemplificar como algumas delas podem gerar conhecimento empírico e, portanto, ser produtivas como parte integrante da própria pesquisa. Em cada um desses eventos dolorosos – e só percebi isso após cada um deles – aprendi valiosas lições sobre Cuba. Essas dificuldades me chamaram a atenção para fenômenos que eu ignorava, iluminaram outros que eu não entendia bem, e me deram uma experiência emocional profunda de problemas que até então eu enxergava apenas à distância e de fora. No que se segue, narrarei cada uma dessas três experiências e discutirei o que elas me ensinaram sobre Cuba, para concluir com algumas considerações mais gerais.

Terra e ar: despejo

Não é fácil para um pesquisador estrangeiro encontrar moradia em Cuba. Os únicos estrangeiros a quem o Estado fornece habitação – gratuitamente ou não – são os que estudam ou trabalham em instituições cubanas, em empresas estrangeiras ou em representações diplomáticas; e não há um mercado imobiliário legal de aluguéis de longa duração para não-cubanos em outras situações. Entre 2008 e 2009, eu tinha uma carteira de residente temporário em Cuba e estava afiliado a um centro de pesquisas cubano. Mas, como doutorando em uma universidade estrangeira financiado por uma agência de

fomento do exterior, eu podia residir apenas em uma casa particular: ou na de amigos ou em cômodos cujos proprietários estão oficialmente autorizados a alugá-los para estrangeiros.² Como meus amigos cubanos não dispunham então de espaço suficiente em suas casas, me restava apenas a segunda opção, que colocava alguns problemas. As licenças de aluguel para estrangeiros contemplam apenas quartos ou conjunto de quartos dentro de uma residência, cujos donos pagam ao Estado um imposto mensal de valor fixo, e esses quartos são destinados sobretudo a turistas que passam pouco tempo no país. Isso faz com que os preços cobrados – entre 25 e 35 dólares diários – sejam altos demais para um bolsista de pós-graduação. Ademais, a grande maioria dos portadores dessas autorizações não estão acostumados a alugar quartos por vários meses a um mesmo locatário, e até desconfiam dessa ideia. Ao chegar pela sexta vez a Havana, em fevereiro de 2008, passei um mês cuidando de complexos procedimentos burocráticos (migratórios e bancários) e buscando infrutiferamente uma casa particular em que pudesse residir por um ano e cujo aluguel coubesse no meu orçamento.

Assim, aceitei imediatamente a proposta de uma amiga, a quem darei aqui o pseudônimo de Leonor – uma cinquentona branca, funcionária de uma instituição cultural. Sua cunhada se mudara para os Estados Unidos havia muitos anos, e, para evitar que seu apartamento fosse confiscado pelo Estado, o deixara em nome da jovem filha de Leonor. O imóvel ficava em um dos grandes prédios residenciais modernistas que embelezam a zona costeira central de Havana. O problema é que, além de abandonado, o apartamento estava em péssimo estado. Não tinha quase nenhum móvel; suas paredes, pisos e tetos estavam cobertos de duras camadas de sujeira acumulada; havia portas e janelas quebradas e alguns cadáveres de barata petrificados incrustados no chão. O negócio proposto por Leonor e sua filha parecia ótimo para ambos lados. Eu renovaria o apartamento às minhas custas, para depois viver nele pagando um aluguel muito inferior ao cobrado de turistas, mas que aumentaria em mais de dez vezes a renda delas, que não teriam de pagar o imposto de aluguel para turistas. Aceitei a oferta e animadamente pus mãos à obra.

Por quarenta dias estive completamente dedicado à renovação do apartamento: limpando-o com minhas próprias mãos; esfregando arduamente pisos e tetos; pintando

² Diferentemente de outros países socialistas, em Cuba a propriedade privada de imóveis nunca foi abolida (embora a compra e venda de imóveis só tenha sido permitida entre 1984 e 1986 e a partir de 2011).

tetos e paredes; procurando e negociando com trabalhadores especializados em consertos de portas, janelas e encanamentos; percorrendo lojas em toda a cidade para comprar mercadorias como móveis, cortinas, plantas e utensílios domésticos. Tudo isso pode parecer cansativo, mas relativamente fácil. Mas essas tarefas não são fáceis em Cuba, onde fazer compras e obter serviços estão entre atividades que mais exigem tempo, paciência, conexões e conhecimento local (WEINREB, 2009). Isso se deve em parte à economia de duas moedas criada em 1994. O *peso cubano* (CUP, ou *moneda nacional*) é a moeda em que as pessoas recebem seus salários e pagam por serviços públicos, por algumas poucas roupas e utensílios de má qualidade, por comidas em bancas de rua, por livros, pelos poucos alimentos subsidiados pelo sistema de racionamento, e pelas frutas, verduras e legumes das feiras livres. O *peso cubano convertible* (CUC) é a moeda oficial atrelada ao dólar estadunidense, normalmente vinte e poucas vezes mais cara que o peso cubano, na qual supermercados, restaurantes e lojas especializadas vendem tudo o que não se encontra em outras partes – inclusive leite, carne bovina, papel higiênico, absorventes íntimos, desodorantes e eletrodomésticos. A escassez de produtos de consumo típica do socialismo real (KORNAL, 1992; FEHÉR; HELLER; MÁRKUS, 1992) é crônica nos estabelecimentos que operam em CUP, mas também gera uma oferta instável e desigual naqueles que operam em CUC. Por isso, até comprar mantimentos mínimos em Havana requer uma expertise sobre quais produtos encontrar em cada lugar e uma rede de contatos que informem sobre o que está disponível no momento em cada mercado ou loja da cidade.

O que realmente me angustiava não era a cansativa busca de produtos e serviços, mas aquilo que eu então sentia como perda de tempo. Eu estava ansioso para começar minha pesquisa, mas depois de quase dois meses em Havana eu ainda estava me instalando – coisa que não acontecera em minhas visitas anteriores, que tinham variado entre dois e três meses de pesquisa. A compra de itens para o apartamento envolveu longas e demoradas excursões por bairros distantes, buscando mercadorias que às vezes pareciam seres míticos, acompanhado de uma amiga de Leonor que era uma verdadeira especialista na aquisição de produtos vendidos em CUC. Também gastei dias inteiros esperando longamente – algumas vezes em vão – pela disponibilidade dos trabalhadores e amigos que me ajudaram nas cansativas tarefas de renovação. Eu me consolava pensando que, uma vez estabelecido, eu teria um porto seguro em Havana, e que minha amizade com a família proprietária do apartamento me garantiria um lugar – ainda que sempre em troca de

remuneração – em posteriores idas à cidade. Isso diminuía, mas não eliminava minha angústia com o tempo que se esvaía e que eu poderia estar empregando em meu trabalho etnográfico.

Mas difícil mesmo foi o que veio depois que terminei de transformar um apartamento decrépito em um lugar habitável e confortável. Mal disfrutei de vinte dias de uma domesticidade tão caribenha como pequeno-burguesa, quando, ao pagar o aluguel, fui friamente informado por Leonor que eu tinha um mês para sair de minha nova morada. Já que não tínhamos um contrato escrito, não tive opção senão me resignar e devolver o lugar. De acordo com minha ex-amiga, sua cunhada voltaria em breve dos Estados Unidos e queria o apartamento de volta. A exemplo de todos meus amigos cubanos, duvidei dela, pois retornos desse tipo são eventos raríssimos. Nossa desconfiança se tornou quase certeza quando me lembrei que, uma semana antes, a jovem dona do apartamento tocara à minha porta pedindo para mostrá-lo a dois amigos colombianos que, segundo ela, estavam escrevendo um trabalho de faculdade sobre a arquitetura havanesa dos anos 1950. Eu achava estranho então que os rapazes pareciam mais interessados nas comodidades da moradia e da região do que na planta e no design do imóvel. Agora estava tudo explicado: eles seriam os próximos inquilinos da casa que eu renovara a duras penas. A mentira se confirmou posteriormente, quando vizinhos me contaram que a família de fato passara a alugar o apartamento por preços muito mais altos do que tinham combinado comigo e do que poderiam cobrar de um amigo. O que era sólido – o domicílio e a amizade – se desmanchou no ar.

A maior adversidade que esse episódio representou para mim não foi o precioso tempo de pesquisa que eu perdera à toa, nem o tempo que eu perderia buscando uma nova casa, mas a profunda tristeza que me abateu por ter sido objeto de um engodo e de uma traição. O sonho de uma casa em Havana se transformara em um pesadelo, e uma de minhas amigas locais mais próximas se tornara um doloroso fantasma. Eu nunca fora enganado de tal forma. Como alguém poderia usar um amigo de forma tão desonesta? Em quem eu poderia confiar doravante? O sentimento de ter sido traído me desestabilizou emocionalmente e por alguns dias nem tive forças para seguir minha pesquisa e começar a busca de uma nova casa. Demorei semanas a me recuperar da tristeza e desânimo, e ainda hoje sinto certo aperto no coração quando passo pelas redondezas do meu antigo prédio.

Ademais, esse golpe aumentou minhas decepções e preocupações morais com um país e uma cidade que eu amava e a que dedicava meus esforços intelectuais e parte de minha juventude. O episódio tristemente dava razão a algo que eu já conhecia há anos: o grande pessimismo dos cubanos sobre a moralidade em seu país. Tema recorrente de etnografias recentes sobre Cuba (HERNÁNDEZ-REGUANT, 2009; WEINREB, 2009; ROUNTON 2012), essa ansiedade moral se deve sobretudo à corrosão do apoio ao projeto socialista do governo e à perda de entusiasmo pela moralidade revolucionária que o Estado promove há décadas (GONÇALVES, 2017). Eu percebera essa disseminada ansiedade moral desde minha primeira visita à ilha. A grande maioria dos cubanos com quem já conversei por mais que alguns minutos lamenta aquilo que descrevem como uma desonestidade e desconfiança generalizada no país. Não é à toa que, se é endêmica ao socialismo real a prática de os cidadãos declararem publicamente que apoiam o sistema enquanto o criticam e ridicularizam privadamente (HAVEL, 1987; BURAWOY; LUKÁCS, 1992; KLIGMAN, 1998; GAL; KLIGMAN, 2000), essa duplicidade tem em Cuba um sintomático nome popular: *doble moral*. A ideia que subjaz a esse termo – geralmente usado como categoria acusatória – é que as demais pessoas não só mentem publicamente sobre suas crenças políticas, mas também sofrem de uma verdadeira deficiência moral. Cada um parece concordar que as dificuldades materiais em Cuba são tamanhas que muitos, senão a maioria, dos demais compatriotas estão dispostos a mentir, enganar e roubar para ter uma vida um pouco mais digna. Alguns interlocutores me falaram até de si mesmos usando essa categoria, como um jovem cubano emigrado casado com uma inglesa rica. Em uma de suas visitas à terra natal, ele me contou, com lágrimas nos olhos, que agora trabalhava apenas para manter-se ocupado e nem sequer precisava de seu salário, mas que em Cuba se acostumara tanto a roubar do trabalho – outra prática disseminada no socialismo real, devido à própria estrutura econômica do sistema (KORNAI, 1992; VERDERY, 1996) – que não conseguia deixar de subtrair carne do restaurante em que trabalhava na Inglaterra, apenas para, arrependido, jogá-la fora depois.

Meu drama domiciliar e psicológico me jogou plenamente no drama moral coletivo que até então eu conhecia apenas de fora, pela literatura e pelas falas de interlocutores. Eu não podia mais apenas ver a ansiedade moral cubana como uma simples retórica, pois eu a estava sentindo como uma dura realidade. De repente, as dúvidas sobre a moralidade dos que me cercavam se tornaram um afligidor problema pessoal, e compreendi mais que

nunca os perniciosos efeitos da famosa *doble moral*. Não tive consciência imediata disso, mas essa foi a primeira lição etnográfica que meu despejo e tristeza me deram, e hoje consigo ver meu drama de então como uma das experiências mais reveladoras que tive em Cuba.

Na época, porém, só comecei a fazer mojitos com esse amargo limão que o campo me deu quando descobri, graças a essa mesma experiência, o outro lado da ansiedade moral cubana: a solidariedade que ela produz. Tanto quanto a desonestidade de que eu fora vítima, me surpreendeu o apoio que recebi, durante minha crise, de velhos amigos e de conhecidos que então se tornaram amigos. Logo que recebi a notícia do despejo, por exemplo, fui aos prantos à casa da minha vizinha de porta, que eu mal conhecia. Ela me acolheu calorosamente e me contou outros casos sobre a família que me despejara. Ela era, por acaso, a presidente do *Comité de Defensa de la Revolución* (CDR) do prédio e, graças à amizade que se consolidou então, ela me ensinou muito sobre essa instituição de vigilância e de estímulo à participação política e social que opera em cada quadra ou edifício de Cuba (DOMÍNGUEZ, 1978; GONÇALVES, 2012). Meu drama me aproximou muito também do porteiro do prédio, de outros vizinhos e até de colegas de trabalho de Leonor que já tinham sofrido com atitudes dela. A convivência com essas pessoas me rendeu excelentes conversas sobre meus temas de pesquisa e outros assuntos. Meus amigos antigos me ajudaram imensamente na busca de uma nova casa e na mudança. Como meu novo apartamento já estava equipado, levei para lá poucos dos móveis e utensílios que havia comprado, e distribuí os restantes entre velhos e novos amigos, em retribuição ao apoio que eles generosamente me prestaram em palavras e ações.

Tudo isso consolidou uma rede social muito importante para minha recuperação: graças a ela pude sair da tristeza que me consumia e recomeçar minha vida em Havana. Essa rede de solidariedade foi igualmente útil para minha pesquisa, pois me forneceu um valioso conhecimento empírico sobre as questões morais que tanto preocupam os cubanos. Foi recuperando-me através dessa rede que comecei a perceber o quanto o drama do apartamento estava me ensinando sobre a ansiedade moral cubana e sobre a difícil vida em um país que já então vivia uma transição para um futuro incerto. Enquanto eu lutava com minha perplexidade e tristeza, meus amigos me fizeram relatos escabrosos de outros engodos e traições entre vizinhos, amigos e amantes que, a seu ver, revelavam o grande déficit moral da sociedade cubana. Mas suas próprias palavras e ações solidárias

demonstravam que esse déficit não era tão generalizado como eles supunham, e seus próprios comentários produziam e reproduziam padrões morais de modo performativo (AUSTIN, 1975). Assim, ficaram evidentes para mim dois efeitos da ansiedade moral cubana que eu até então mal intuía. Em primeiro lugar, essa ansiedade produz e reforça padrões morais compartilhados pautados por uma solidariedade interpessoal e por dádivas e contra-dádivas (MAUSS, 2003) na esfera privada – uma moral distinta da solidariedade oficial promovida pelo governo, baseada na lealdade pública ao projeto socialista.³ Em segundo lugar, os que se sentem atingidos pela *doble moral* criam novos laços sociais e uma comunidade moral baseada em aflições comuns. A ansiedade moral cubana produz, portanto, uma verdadeira solidariedade durkheimiana: uma coesão social baseada em uma moral compartilhada (DURKHEIM, 1999).

Ademais, durante minha recuperação, comecei a olhar para trás e entender que durante todo meu drama, desde que aceitara a proposta de minha ex-amiga, eu já vinha fazendo pesquisa. Eu não perdera tempo algum. Ao percorrer em toda a cidade um comércio que de outra forma eu não teria conhecido, eu entendera melhor a importância do consumo e do fetichismo da mercadoria em Cuba, e acompanhara de perto as novas classes médias cubanas – cujos membros recebem moeda forte de parentes emigrados ou a ganham em pequenos empreendimentos privados – em uma de suas atividades preferidas: fazer compras. E ainda tive interações que me permitiram entender internamente as regras morais predominantes em Cuba para além da moral estatal. Por coincidência, enquanto eu renovava meu apartamento, o lado externo do edifício estava sendo pintado por trabalhadores a serviço do Estado. Conversando com vizinhos, entendi por que, quando o exterior de um grande prédio em Havana estava sendo pintado pelo Estado, vários interiores no mesmo prédio e em seus arredores começavam a aparecer pintados exatamente da mesma cor: os pintores roubavam parte da tinta fornecida pelo Estado e a vendiam *por la izquierda* – ou seja, não-oficialmente e sem autorização (inúmeras outras pessoas realizam essa mesma atividade com outros produtos caros ou raros, como sorvete, café, sabonetes etc.). Como naquele momento era impossível encontrar tinta nas lojas, lancei mão desse recurso para conseguir a mercadoria, e assim fiz circular o precioso CUC entre trabalhadores que tinham pouco acesso a ele. Pouquíssimos conhecidos meus viam esse tipo de prática como algo condenável, e vários

³ Falo aqui de uma distinção entre o público e o privado no sentido fractal e recursivo discutido por Susan Gal (2002).

me incentivarem a participar dela. Segundo os meus interlocutores cubanos, o problema moral começava quando as pessoas deixavam de enganar apenas ao Estado e roubar apenas dele – algo geralmente visto como perfeitamente correto – para passar a enganar e roubar de outros cidadãos. Em minha desventura eu tanto participara de ilegalidades socialmente legítimas (como aquelas analisadas por Ieva Jusionyte, 2015) quanto sofrera as consequências de atos alheios não necessariamente ilegais, mas socialmente ilegítimos. Assim, a adversidade do despejo me levou a refletir e a aprender sobre as regras e os efeitos da ansiedade moral contemporânea em Cuba.

Ar e água: furacões

Não é fácil viver na região do mundo mais assolada por ciclones tropicais e onde surgiu a própria palavra “furacão”.⁴ Comecei a entender a importância desse fenômeno no Caribe quando, ao ligar a televisão em Cuba pela primeira vez, em minha primeira visita ao país, a primeira coisa que ouvi foi que naquele dia, 1º de junho, começava a temporada de furacões de 2001. Isso então me pareceu apenas cômico e anedótico, pois eu não sabia que temporadas ciclônicas tinham uma data predeterminada para começar, e o locutor deixou claro que não havia previsão de ciclones para breve. Logo aprendi que os meses de junho a novembro são o período anual de possível ocorrência de furacões no Caribe. Felizmente, nenhum furacão passou por Cuba nos três meses em que estive lá naquele primeiro verão.

Porém, sete anos depois, eu vivi uma das temporadas ciclônicas mais devastadoras da história de Cuba e, com menos de dez dias de intervalo, experimentei a passagem de dois poderosos furacões por Havana. Gustav cruzou a porção ocidental da ilha em 30 de agosto de 2008, com ventos de velocidade superior a 200 km/h, causando danos a 100.000 casas e destruindo outras 20.000. Ike chegou a Cuba uma semana depois, com força ainda maior, e atingiu Havana em 09 de setembro, danificando mais de 500.000 casas e destruindo 60.000 delas através de seu longo percurso através da ilha. Mais de 250.000 pessoas foram evacuadas antes de Gustav, e 2,6 milhões (ou 23% da população de Cuba) antes de Ike. Por onde passaram, ambos geraram inundações, deslizamentos de terra,

⁴ “Furacão” é um dos nomes dados aos ciclones tropicais que atingem o noroeste do Oceano Atlântico e o nordeste do Oceano Pacífico. São, portanto, o mesmo fenômeno meteorológico que atinge outras partes do globo, onde são chamados de tufões ou simplesmente ciclones. Em Cuba os termos *huracán* (furacão) e *ciclón* (ciclone) são usados coloquialmente de forma intercambiável – um uso cientificamente correto, que sigo neste artigo. A palavra “furacão”, como seus equivalentes em outras línguas europeias, é derivada do espanhol *huracán*, por sua vez importada do idioma dos arauacos, grupo indígena de Cuba e outras ilhas do Caribe.

interrupções de estradas e quedas de instalações elétricas e de comunicação. Embora o governo e a imprensa cubanos se orgulhem de que Gustav supostamente não deixou nenhuma vítima fatal e de que oficialmente apenas sete pessoas faleceram pelo impacto de Ike, essa foi a temporada ciclônica com piores efeitos econômicos da história do país, devido especialmente à devastação de plantações essenciais para o comércio exterior, como as de cana-de-açúcar, e para a alimentação diária dos cidadãos, como as de banana⁵ (WORLD METEOROLOGICAL ASSOCIATION, 2009).

Minha experiência de Gustav e Ike não foi aterrorizante, mas foi bastante desagradável. Enquanto pesquisador, o que mais senti foi angústia. Os furacões passaram por mim quando eu estava aproximadamente no meio de meu ano contínuo de trabalho etnográfico em Havana. A metade de tal período no campo – especialmente quando realizado longe da moradia mais permanente do pesquisador – é um momento estressante em que se intensificam certas ansiedades: a preocupação de que ainda falta muito por fazer e descobrir, a suspeita de que a pesquisa até então não foi tão proveitosa como esperado, a sensação de que qualquer tarde de pesquisa perdida é um desastre, e – no caso de lugares como Cuba – o desespero por ver que seus interlocutores percebem o tempo como algo infinitamente elástico e não entendem que, para os que vêm do mundo capitalista, ainda mais por um período limitado, o tempo é sempre restrito e precioso... Justamente nesse momento, a perspectiva e, depois, a realidade da interrupção da vida e da pesquisa “normais” por vários dias me deixaram profundamente angustiados. Quando Gustav e Ike se aproximavam, Havana estava em polvorosa, mas gradualmente se paralisava. Escritórios, lojas, escolas fechavam, e as ruas, inicialmente tomadas por pessoas que buscavam qualquer mantimento não-perecível, rapidamente se viam esvaziadas, pois essas mesmas pessoas logo corriam para se proteger em casa. Todos estavam à espera ansiosa de uma catástrofe, acompanhando o trajeto dos furacões pelo rádio e pela televisão, e vivendo em função do monstro que se aproximava. Eu também fazia tudo isso, mas ainda por cima estava desesperado porque estava perdendo... tempo de pesquisa!

Do ponto de vista pessoal, o que mais senti durante as passagens dos furacões foi tédio. Em cada uma delas, como medida de precaução, o governo desligou a eletricidade por cinco dias e cinco noites, e em cada uma delas passei quatro dias trancado em casa, sem

⁵ De forma semelhante à mandioca no Brasil, a banana (*plátano*) é componente essencial da dieta cubana. Diferentes variedades de banana são saboreadas cruas, como frutas, e, mais frequentemente, fritas ou cozidas, como legumes.

luz, com muito calor, vivendo sobretudo de bolachas e pães, tomando banhos gelados e curtos (o fornecimento de água estava ainda mais infrequente que normalmente), sem poder ler, ver amigos, escutar música, ou ver televisão. Ironicamente, enquanto durou a carga da bateria de meu computador, pude receber informações pela internet, pois, como estrangeiro oficialmente residente em Cuba, eu estava em uma das pouquíssimas categorias que têm acesso doméstico (e muito caro) à internet no país. Essa foi, aliás, a única ocasião em que eu me alegrei por esse acesso ser discado e, portanto, independente da disponibilidade de energia elétrica – ainda que fosse, à época, o segundo acesso mais lento do mundo!

Não cheguei a sentir medo durante esses dias, mas senti apreensão com o vento e a chuva fortíssimos que faziam janelas baterem e tremerem, árvores se retorcerem, fios e postes sacudirem, e enxurradas caudalosas e turbulentas tomarem a rua. Quando, no meio da passagem de Ike, uma mancha de água se espalhou pelo teto de meu quarto, me lembrei, preocupado, dos edifícios que haviam desabado com a fúria de Gustav, e imaginei a água que devia estar se acumulando na laje acima de mim, mas os comentários de minha senhoria sobre a solidez da construção me tranquilizaram. Eu me mudara havia já alguns meses, e a única companhia que eu tinha durante a passagem dos furacões eram ela e seu neto de quatro anos, que viviam numa metade à parte da mesma casa que eu. Mas, nervosos e amedrontados, eles não podiam me proporcionar conversas muito agradáveis então. Sem muito o que fazer depois de esgotada a bateria de meu computador, cansado de apertar continuamente um rádio operado manualmente (eu não tinha achado pilhas para comprar antes dos furacões), o tédio alimentava terrivelmente minha angústia com o tempo perdido.

As recompensas imediatas por esses dissabores vieram logo depois de cada um dos furacões. Ignorando os pedidos encarecidos de minha senhoria de que eu ficasse em casa – ela me tratava como uma espécie de filho adotivo –, nas duas ocasiões saí para passear antes mesmo de religarem a energia elétrica da cidade. Em ambos passeios, havia muitas árvores e fios caídos pelas ruas. O mar, a poucas quadras de minha casa, invadia o famoso *Malecón* havanês com ondas altas e furiosas. Para minha surpresa, alguns ônibus já estavam circulando durante minha excursão noturna pós-Ike, e não hesitei em tomar o primeiro que pude, em direção ao centro da cidade. Os passageiros contemplávamos reverenciosamente o espetáculo de uma majestosa metrópole de dois milhões e meio de

habitantes em silêncio e às escuras. Mas a escuridão não era completa: os hotéis de luxo e algumas embaixadas estrangeiras ostentavam luzes que se destacavam do escuro ao redor. Esse contraste tornava mais visível uma das contradições da Cuba contemporânea que mais desagradam a seus cidadãos: os privilégios de que gozam turistas e autoridades estrangeiros.

Esse espetáculo me permitiu ainda um vislumbre parcial e retrospectivo de algo sobre o que meus amigos e interlocutores cubanos tinham me falado muitas vezes: os famosos apagões que castigavam Havana durante o chamado Período Especial – a época de grave crise que começou com a queda da União Soviética e sobre cuja data de desfecho ninguém parece concordar. A diferença é que, pelo que sempre me contaram, os apagões dos anos 1990 eram vividos com grande barulho, alvoroço, festas e algazarras nas ruas. No momento pós-Ike, ao contrário, a ausência de música, de ruídos, de carros e de pedestres nas ruas contrastava fortemente com a buliçosa Havana dos dias ordinários, e tive a impressão de que eu e meus companheiros de viagem estávamos entre os poucos sobreviventes de uma hecatombe. Isso me deu um sentimento de pertencimento a uma coletividade que eu jamais experimentara em qualquer lugar. Era como se o ciclone tivesse varrido minhas diferenças estruturais em relação aos havaneses nativos e nos igualado temporariamente numa *communitas* (TURNER, 1969). Afinal, como a maioria dos moradores da cidade, eu enfrentara os furacões em casa, em uma edificação comum, e apenas vislumbrara de longe, no transporte coletivo, as embaixadas e hotéis iluminados no meio da cidade escura. Me senti então como parte real de Havana.

Essa identificação foi o primeiro mojito que fiz com os dois limões meteorológicos que o campo me deu. E a conexão não se limitava à cidade, nem era apenas sincrônica. Em meus passeios pós-ciclônicos eu deixei aflorar uma emoção que já sentira desde que soubera que Gustav se dirigia a Havana, mas que a angústia e o tédio tinham em grande medida sufocado e que, sentindo-me um tanto culpado por ela, não tinha conseguido admitir para mim mesmo: a excitação por viver um fenômeno que tem imensa importância social e cultural em Cuba. Os ciclones são o tema de ou têm um papel relevante em inúmeros versos populares, canções, pinturas, romances e livros de memória cubanos (CARPENTIER, 1962; RAMOS GUADALUPE, 2009; GUTIÉRREZ; SERRA, 2010); é comum o uso popular ou erudito do furacão como meio de crítica sócio-política e como metáfora de um suposto caráter nacional tempestuoso e desmedido (PÉREZ, 2001;

MACLE CRUZ, 2010; POGOLOTTI, 2010); e Fernando Ortiz – fundador e até hoje o nome mais importante da antropologia sociocultural cubana – escreveu um livro de quase setecentas páginas sobre as simbologias dos indígenas caribenhos a respeito dos furacões (ORTIZ, 1947; ver também MATOS ARÉVALOS, 2010).

E, como bem colocou a meteoróloga Miriam Teresita Llanes, “cada cubano tiene su vida marcada por algún ciclón memorable, sea el del veintiséis, el de Santa Cruz del Sur, el Flora o, más recientemente, Gustav y Ike. Cada generación tiene ‘su’ ciclón, que es algo así como una marca meteorológica de la cual no puede prescindir” (2010, p. 208). Não era à toa que por anos eu esperara secretamente experimentar um furacão em Cuba. Quando os noticiários anteciparam que a temporada de 2008 poderia ser uma das mais furiosas da história do país, eu me assustara e sentira certo medo antecipado. Mas, depois de passar pelos dois furacões – ou melhor, de vê-los passar por mim –, eu de certa forma me alegrei por estar em Havana em um ano que seria lembrado e narrado como aqueles outros inseparavelmente associados a furacões de proporções míticas: 1926, 1932, 1944, 1960... Gustav e Ike, com todo o dissabor que me trouxeram, me permitiram viver uma experiência central para os cubanos e compartilhar com eles sua “marca meteorológica”, como num ritual de passagem – temporal de passagem – através do qual eu senti que entrara plenamente na vida da ilha.

Essa não foi uma mera sensação subjetiva minha, pois desde então, quando menciono que enfrentei esses dois furacões em Havana, percebo que alguns cubanos veem isso como demonstração adicional de minha cubanidade – ou de que sou realmente *aplatanado* (adaptado à ilha como se fosse natural dali).⁶ Uma vez, por exemplo, um amigo me apresentou a um conhecido sorrindo e dizendo: “ele é brasileiro, mas pode falar com ele como se ele fosse cubano. Ele já passou até por dois furacões aqui”. Gustav e Ike contribuíam assim para solidificar e aprofundar a intimidade cultural (HERZFELD 1997) que já me unia a meus interlocutores e que lhes dá confiança para compartilhar comigo impressões que normalmente relutam em mostrar a estrangeiros não *aplatanados*.

De maneira mais imediata, os furacões me ajudaram também a me inserir mais profundamente na vida de meu *barrio*.⁷ Foi nele que, em ambas ocasiões, participei intensamente das típicas atividades conjuntas pós-tempestade: verificar curiosamente os

⁶ O termo *aplatanado* vem da palavra *plátano* (banana), em referência à origem estrangeira da bananeira, à sua excelente adaptação ao solo cubano, e à centralidade de seu fruto na dieta nacional (ver nota 5).

⁷ Em Cuba o termo *barrio* designa uma vizinhança de uns poucos quarteirões, e não todo um bairro (que é designado pelo termo *reparto*).

estragos em edifícios públicos e privados; reparar casas e escolas; recolher lixo e destroços; conversar e focar sobre os efeitos dos ciclones (ouviam-se então frases como: “em Centro Habana as coisas estão bem piores que aqui”; “a casa de fulana está para desabar”; “beltrano quase enfartou”; “morreu uma pessoa em Marianao que não foi contada pelo governo”; “as bananas desapareceram das feiras”; “só estão vendendo legumes *por la izquierda*, pelos olhos da cara”). Tudo isso, como as tribulações de meu despejo, estreitou meus laços com os vizinhos, que durante e depois dessa época se abriram muito mais comigo, enriquecendo minha pesquisa e meu conhecimento local. Devo muito, portanto, à efervescência pós-ciclone que, como bem descreveu a jornalista e ensaísta Graziela Pogolotti, é marcada pela “aventura del descubrimiento”, pela “euforia del regreso a la vida” e por um verdadeiro “renacer compartido” (2010, p. 115).

Foram muitos os ensinamentos empíricos que esse estreitamento de laços me proporcionou, mas aqui quero citar os mais diretamente relacionados a essa experiência ciclônica. A efervescência pós-furacão deixou claro para mim como meus vizinhos criavam então uma comunidade local distinta do Estado ao mesmo tempo em que entravam em relações de troca e reciprocidade com ele. Por um lado, eles criticavam que aquela entidade abstrata que eles chamavam de *gobierno* não realizava todas as tarefas de recuperação que esperavam dele, e se diferenciavam dessa entidade ao levar a cabo tais tarefas por conta própria. Por outro lado, sempre que estavam em presença de alguém visto como representante do Estado (um presidente de CDR ou um funcionário do Ministério da Construção, por exemplo), expressavam sua gratidão e lealdade ao governo, esperando assim obter uma maior assistência institucional. Ambas práticas ajudavam a produzir performaticamente aquilo que Timothy Mitchell (1999) chamou de *state effect*: a ilusão de que, ainda que todos os sujeitos participem de uma maneira ou de outra do aparato estatal, o Estado parece existir como uma entidade real e discreta, à parte da sociedade. Eu via diante de meus olhos como os furacões propiciavam, dessa forma, a reprodução da concepção de Estado em Cuba (GONÇALVES, 2012).

Além disso, ao participarem da reciprocidade típica do socialismo real em que os cidadãos trocam demonstrações de apoio político por favores concedidos pelo Estado (VERDERY, 1991, 1996), meus vizinhos reproduziam o discurso oficial, incessantemente repetido na mídia cubana, que afirma que o Estado cubano dá uma proteção exemplar à vida dos cidadãos e que a população lhe é imensamente grata por isso. De forma similar

aos soviéticos estudados por Jeffrey Brooks (2000) e Alexei Yurchak (2006), esses cubanos contribuíam para a reprodução da ideologia oficial ao dar-lhe voz com o objetivo pragmático de obter benefícios. E, como de fato os ciclones tropicais matam muito menos em Cuba que em outros países da região, eles fornecem uma ocasião ideal para o exercício e espetacularização do biopoder do Estado cubano, ou seja, do controle que ele exerce sobre a população através da capacidade de deixar morrer ou de fazer viver (FOUCAULT, 1977).

Nada disso, como já indiquei, impede que as mesmas pessoas continuem criticando o Estado, mesmo em sua dimensão biopolítica. Foi aliás uma crítica que ouvi em plena temporada ciclônica e que usava o furacão como metáfora política que mais me ajudou a entender a natureza rotatória da temporalidade predominante em Cuba. Eu estava em uma longa fila em uma padaria às vésperas da chegada de Ike quando alguém divagou em voz alta se ele seria mais devastador que Gustav. A isso uma senhora respondeu que nada poderia ser pior que o furacão em que os cubanos viviam havia cinquenta anos. Ela se referia, é claro, ao regime instalado em 1959. Essa perspicaz metáfora, como analisei em outro texto (GONÇALVES, 2017), trazia em si observações implícitas sobre uma temporalidade circular marcada pelo retorno constante de velhas batalhas patrióticas e de dificuldades quotidianas recentes. Mesmo se Gustav e Ike não tivessem me ensinado tantas outras coisas, teria valido a pena enfrentá-los apenas para ouvir esse comentário sobre as relações entre poder e temporalidade em Cuba.

Água e fogo: queimaduras

Não é fácil navegar o mitificado sistema de saúde cubano. Tive a oportunidade de entender isso na qualidade de paciente depois de sofrer um acidente em outubro de 2008. Filtros de água são raros em Cuba, e por isso a maioria das pessoas ferve água da torneira para torná-la potável. Eu não era exceção. Uma certa noite eu estava removendo uma grande panela de água fervente do fogão. Enfraquecido devido a uma gripe, não consegui segurar a panela tão firmemente como deveria e ela escorregou de minhas mãos. A água cobriu e queimou minhas pernas, arrancando consideráveis pedaços de pele. Com carne viva à mostra, sentindo uma dor dilacerante, gritando e chorando, corri para o chuveiro e coloquei as pernas sob água fria. Minha senhoria, desesperada e sabendo que uma ambulância demoraria horas para chegar, chamou um táxi para me levar ao pronto-

socorro havanês que atende a estrangeiros – pago, obviamente, em CUC. Ali os médicos diagnosticaram que minhas queimaduras eram de segundo grau, passaram pomadas antibióticas nelas e as cobriram de bandagens. Perguntaram se eu tinha condições higiênicas adequadas em casa e, diante de minha resposta afirmativa, me instruíram a ficar em repouso por aproximadamente um mês, levantando-me da cama apenas para ir ao banheiro e para trocar os curativos.

Eu deveria trocá-los, me disseram, a cada dois dias em algum hospital que tivesse um setor especializado em queimaduras, coisa de que a clínica para estrangeiros não dispunha. Conhecidos e amigos da área médica me alertaram que, se eu não conseguisse ser tratado no Hospital Hermanos Ameijeiras, eu deveria voltar ao Brasil. Segundo eles, devido à situação sanitária imprópria dos demais centros de saúde geral de Havana, aquele era o único em que eu provavelmente não pegaria uma perigosa infecção hospitalar. Como todos na cidade sabem dessa situação, há grande competição pelo atendimento nesse imenso hospital, localizado no centro da cidade e protegido por seguranças que impedem a entrada de pacientes sem consulta previamente marcada no local. Apenas os excelentes contatos de altos funcionários do centro de pesquisas a que eu estava afiliado me garantiram uma referência formal para ser tratado ali.⁸ Mesmo assim, na primeira vez que cheguei lá, os seguranças tentaram impedir minha entrada por não ter um comprovante escrito da tal referência. Só depois de perambular por vários escritórios do hospital, com as bandagens caindo pelas pernas, e de fazer alguns telefonemas, é que me deixaram chegar ao prosaicamente chamado *sector de quemados*.

Dois dias depois, sem aviso prévio, uma ambulância apareceu na porta de minha casa para me levar ao hospital, e fui tratado nela como um visitante ilustre. Era uma mudança de atitude impressionante. Depois disso, porém, o veículo não apareceu mais e passei a pegar um táxi regularmente para ir trocar os curativos. Só depois amigos me explicaram, rindo de minha ingenuidade, que os empregados da ambulância provavelmente não retornaram porque esperavam ter recebido no primeiro dia presentes ou gorjetas pelo serviço que me prestavam. De todo modo, isso não me incomodou em nada, pois achava um exagero e desperdício ser levado de ambulância para algo que seria uma rotina. Continuei indo ao famoso hospital, onde recebi um tratamento afável e eficiente na

⁸ Esses funcionários também conseguiram, mais uma vez através de contatos pessoais, que eu não pagasse um só centavo pelo tratamento que recebi nesse hospital. A saúde pública é gratuita para cidadãos de Cuba, mas estrangeiros, mesmo residentes, costumam pagar por serviços médicos no país.

maioria das visitas. Todavia, algumas vezes até nele faltaram pomadas, remédios e curativos, e nesses dias fui tratado em casa por uma vizinha enfermeira que dispunha desses produtos. Ela me atendeu com grande amabilidade e carinho, e só depois que insisti muito ela aceitou, ao final do período, um presente em retribuição a sua inestimável ajuda.

Graças a essa vizinha e ao tratamento na clínica e no hospital, me recuperei plenamente em um mês. Como no caso das adversidades que discuti nas seções anteriores, também nessa ocasião me preocupou o tempo perdido de pesquisa. Passar trinta dias entre minha cama e um hospital não era nada bom quando eu me preparava para entrar na reta final de meu ano de pesquisa. Contudo, consciente de que minha saúde tinha prioridade e de que os obstáculos anteriores tinham me ensinado muito, a angústia foi bem menor que antes. E, mais que das outras vezes, me esforcei conscientemente para fazer mojitos com esse limão que o campo me deu: li vários livros, escrevi e desenvolvi notas de campo, transcrevi algumas entrevistas, realizei outras com pessoas que me visitavam em casa. Também pude acompanhar de perto os reveladores conflitos interpessoais, sociais e políticos entre minha senhoria – branca, privilegiada, entusiasta do regime – e sua empregada doméstica – negra, pobre, crítica do governo –, que informaram muito minha escrita posterior (GONÇALVES, 2012; 2015)⁹. Porém, esse limão não foi tão suculento como os anteriores, pois, ao contrário dos demais, não me possibilitou uma sociabilidade muito mais intensa e rica – talvez um ingrediente indispensável para se fazer um bom mojito antropológico. Registro essa experiência aqui em parte como testemunho de que nem todas as adversidades etnográficas são igualmente produtivas para a pesquisa. E *no es fácil* admitir isso.

Ainda assim, essa adversidade me ensinou sobre algo bem distante de meus temas de pesquisa: o sistema de saúde cubano. Graças a ela adentrei nesse sistema como paciente, ganhando uma visão interna dada a poucos pesquisadores especializados no tema. Geralmente tais especialistas conhecem instituições médicas específicas em condições controladas, sob a supervisão de burocratas e pessoal médico cubanos que têm interesse em preservar a boa reputação do sistema de saúde do país. O controle sobre visitas a instituições de saúde cubanas é geralmente muito estrito.

⁹ Desde a dolarização e liberalização da economia nos anos 1990 tem aumentado em Cuba o trabalho doméstico informal, comumente exercido por mulheres negras.

Em minhas frequentes e longas excursões por Havana, os únicos locais em que fui impedido de tirar fotografias, e até solicitado que apagasse as que havia tirado, foram hospitais. Não é à toa, portanto, que o retrato positivo traçado por pesquisadores, jornalistas e pacientes estrangeiros contrasta claramente com as impressões negativas que a maioria dos cubanos que conheço bem costuma me dar sobre a saúde pública em seu país. São corriqueiras em Havana as reclamações de que, enquanto o governo apresenta o país como *potencia médica*, faltam médicos em hospitais e policlínicas porque o país exporta profissionais para todo o mundo, deixando a população local ser atendida por estudantes inexperientes (alguns deles estrangeiros sem fluência em espanhol). Igualmente corriqueiras são as queixas pelas frequentes faltas de medicamento nas farmácias, clínicas e hospitais. Já ouvi casos de salas de recém-nascidos prematuros sem condições higiênicas mínimas e de vira-latas da rua passeando livremente por enfermarias. Uma amiga passou mais de um ano com um sério corrimento vaginal porque os médicos não consideravam isso um caso de urgência e se negavam a operá-la. Um amigo estudante de medicina me contara como um hospital em processo de restauração já tinha perdido, antes mesmo de ser reinaugurado, muitos de seus equipamentos clínicos e materiais de infraestrutura (como cadeiras e lâmpadas), que foram roubados por pessoas que os vendiam *por la izquierda*.

Embora eu confie muito mais em meus interlocutores cubanos que nos observadores estrangeiros, o que eu vivi como paciente não foi o inferno descrito por uns nem o paraíso enxergado por outros. Minha experiência foi curta e limitada, mas certamente me permite rejeitar romantizações externas. De todos modos, meu acidente me permitiu ter uma visão privilegiada de uma esfera que estava longe de minhas preocupações etnográficas. De forma mais geral, pude entender a saúde pública como mais uma esfera na qual os cubanos constroem uma oposição entre um mundo privado de solidariedade interpessoal e um imaginado Estado distinto e separado desse mundo, tecendo relações de troca e reciprocidade tanto dentro daquele mundo quanto com aquele Estado. Por exemplo, uma enfermeira que, em uma situação institucional, seria vista como uma agente do Estado, se diferenciava dele e prestava uma assistência entendida por todos como pessoal e solidária quando era conhecida através de redes de vizinhança e amizade. As pessoas esperam das instituições estatais proteção e bem-estar em troca de aquiescência política, mas como os serviços prestados são deficientes e frustram suas expectativas de reciprocidade, elas se

sentem moralmente justificadas para utilizar privadamente preciosos recursos estatais, como ambulâncias, curativos e remédios. Tais recursos, assim como o próprio conhecimento médico fornecido pelo Estado, entram nas redes de solidariedade não-oficiais em que pacientes trocam presentes e serviços com os sabidamente mal remunerados profissionais da saúde. Por isso é objeto da imaginação popular cubana a imagem da casa de um médico repleta de objetos presenteados por seus pacientes informais. Em suma, assim como meu despejo e os furacões, meu acidente me mostrou como os cubanos compensam a corrosão do projeto socialista oficial pela construção de uma moral alternativa. E aprendi – literalmente na pele – que às vezes é essa moral alternativa que garante a saúde das pessoas em Cuba.

Conclusão

Convertir el revés en victoria. Fidel Castro lançou essa *directiva* à população cubana em 1970, quando anunciou o fracasso da campanha que por três anos agitara o país visando à obtenção de uma megassafra recorde de cana-de-açúcar (ECKSTEIN 2003). Em diferentes versões – especialmente a mais curta, *reveses en victorias* –, a expressão se tornou um lema propagandístico do governo cubano. Usado para convocar a população a novas mobilizações diante de diferentes obstáculos, o lema pode ser lido metapragmaticamente (SILVERSTEIN 1976) como descrição de uma das estratégias ideológicas mais comuns do regime: enfatizar discursivamente seus fracassos e dificuldades para justificar os sacrifícios continuamente exigidos da população e se auto-apresentar como revolucionário mesmo depois de estar há décadas no poder. Como argumentei em outro texto (GONÇALVES, 2017), essa ênfase oficial nos fracassos do socialismo ressoa com a retórica popular das dificuldades cotidianas na ilha, resumida no refrão *no es fácil* na descrição do dia-a-dia como uma *lucha*. Ou seja, até o governo parece dizer repetidamente que a vida em Cuba *no es fácil*.

A análise que fiz acima de três grandes adversidades que enfrentei em meu trabalho de campo também guarda semelhanças com a convocação a transformar *reveses en victorias*. Se não fosse pelo tom triunfalístico dessa expressão, eu poderia dizer que quis chamar a atenção neste artigo para a possibilidade e necessidade de converter reveses etnográficos em vitórias etnográficas. Em outras palavras, quis destacar, através de exemplos pessoais, a produtividade – ainda que desigual – das adversidades apresentadas pelo trabalho de campo antropológico. Argumentei que os dissabores que o despejo, os

furacões e as queimaduras me trouxeram tornaram-se ocasiões produtivas, em que aprendi muito sobre vários temas, especialmente a ansiedade moral, a produção do Estado, a solidariedade informal e a economia de dádivas na Cuba contemporânea. A duras penas, aprendi muito também sobre a elástica temporalidade na ilha e sua relação com a retórica das dificuldades quotidianas. Os três grandes percalços que discuti acima contribuíram ainda para que eu sentisse internamente o que meus interlocutores cubanos querem dizer quando observam que *no es fácil*.

Para que não se pense que essa produtividade se restringe ao estudo de lugares como Cuba, onde as dificuldades são tema privilegiado do discurso estatal e da retórica popular, quero concluir evocando etnografias de outros contextos que também deixam evidente que é possível e importante fazer mojitos com limões do campo – inclusive com alguns bem mais amargos que os que a pesquisa em Cuba me deu. Por exemplo, aquela que talvez seja a anedota etnográfica mais famosa da antropologia deixa claro que foi uma adversidade – a fuga de uma batida policial – que permitiu a Clifford Geertz (1973) obter uma relação próxima com os moradores de uma aldeia balinesa e escrever sua influente análise de uma atividade ilegal que os fascinava. De forma mais explícita, Paul Rabinow (1977) observa que inicialmente considerou a posição social marginal e desajustada de seu principal interlocutor marroquino como um grande problema para seu trabalho de campo, mas isso na verdade o levou a uma compreensão da alteridade que talvez não tivesse tido de outro modo. Às vezes uma adversidade pode mesmo levar um antropólogo a uma frutífera nova vertente de pesquisa. Foi o caso de Katherine Verdery, que, quando proibida pelo governo romeno de fazer trabalho de campo na aldeia em que vinha pesquisando, se voltou para documentos históricos a partir dos quais escreveu um estudo clássico do socialismo real (1991).

Outros exemplos mostram que mesmo as adversidades do trabalho de campo em contextos violentos podem ser produtivas – quer se trate de violência criminalizada (BOURGOIS, 1996), de violência política (DONHAM, 1999), ou de violência em que a fronteira entre crime e política é contestada (CHANCE, 2018). Quando se mudou para o East Harlem, Philippe Bourgois planejava estudar a pobreza nova-iorquina, mas encontrou ali um universo de violência relacionado ao uso e comércio de drogas ilícitas e acabou criando laços estreitos com jovens porto-riquenhos envolvidos nessas atividades. Não apenas tais atividades se tornaram seu objeto central de estudo, mas também foram

situações adversas, como seu desentendimento com um prestigioso traficante local, que lhe deram dados para entender as redes sociais construídas em torno do crack (1996). Logo depois que Donald Donham chegou à Etiópia para realizar pesquisa de campo sobre trabalhadores rurais, eclodiu a revolução de 1974, que o expôs a adversidades como um conflito com lideranças locais, a desconfiança de que ele era um agente da CIA, a prisão de seu assistente e uma ameaça de expulsão do país. Mas posteriormente ele fez uso etnográfico dessas mesmas tensões para refletir de forma inovadora sobre a relação entre modernidade e revolução na África contemporânea (1999). Mais recentemente, o movimento social de moradores de assentamentos informais na África do Sul analisado por Kerry Chance foi vítima de vários ataques violentos – talvez com aquiescência governamental – durante seu trabalho etnográfico. Esses ataques fizeram com que ela e seus camaradas vivessem perseguidos em esconderijos por algum tempo, e lhes causaram um sofrimento incomum. Mas essa experiência traumática permitiu à antropóloga compreender e analisar a dimensão psicológica desses conflitos e suas complexas relações com identificações étnicas e nacionais (2018).

Essas etnografias – que leio aqui um tanto a contrapelo – sugerem que as adversidades do trabalho de campo podem ser valiosas para a produção de conhecimento antropológico em contextos diversos, muito diferentes do de Cuba. Isso requer, é claro, certo esforço e reflexão conscientes do antropólogo – e algumas boas doses de otimismo e bom humor. De todos modos, o caso de um país em que as adversidades são assunto popular e lema governamental apenas evidencia e ressalta algo que também vale para outros lugares: o trabalho de campo não é fácil, mas podemos transformar os seus reveses, assim como outros que a vida nos dá, em vitórias. Ou pelo menos em mojitos.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- BEHAR, Ruth; GORDON, Deborah. (Orgs.) *Women Writing Culture*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- BOURGOIS, Philippe. *In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BROOKS, Jeffrey. *Thank You, Comrade Stalin! Soviet Public Culture from Revolution to Cold War*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

- BURAWOY, Michael; LUKÁCS, János. *The Radiant Past: Ideology and Reality in Hungary's Road to Capitalism*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- CARPENTIER, Alejo. *El siglo de las luces*. México, DF: Compañía General de Ediciones, 1962.
- CHANCE, Kerry Ryan. *Living Politics in South Africa's Urban Shacklands*. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George. (Org.) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 27, pp. 1-12, 1978.
- DOMÍNGUEZ, Jorge. *Cuba: Order and Revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
- DONHAM, Donald. *Marxist Modern: An Ethnographic History of the Ethiopian Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ECKSTEIN, Susan. *Back from the Future: Cuba under Castro*. London: Routledge, 2003.
- ESTÉVEZ, Abilio. *Inventario secreto de La Habana*. Barcelona: Tusquets, 2004.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *The Nuer*. Oxford: Oxford University Press, 1940.
- FEHÉR, Ferenc; HELLER, Agnes; MÁRKUS, György. *Dictatorship over Needs*. New York: St. Martin's Press, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de M.T.C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GAL, Susan. A Semiotics of the Public/Private Distinction. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, Durham, NC, vol. 13, n. 1, pp. 77-95, 2002.
- GAL, Susan; KLIGMAN, Gail. *The Politics of Gender After Socialism: A Comparative Historical Essay*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- GEERTZ, Clifford. Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight. In: _____. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973. Pp. 412-453.
- GONÇALVES, João Felipe. *The Hero's Many Bodies: Monuments, Nationalism, and Power in Havana and Miami*. Tese (doutorado). Department of Anthropology, University of Chicago, Chicago, 2012.
- _____. Martí versus Martí: Nacionalismo e hegemonia em Havana e Miami. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 102, pp. 69-87, 2015.
- _____. Revolução, voltas e reveses: Temporalidade e poder em Cuba. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 32, n. 93, e329305, 2017.

- GUTIÉRREZ, Amauri; SERRA, Mariana. Los huracanes en la literatura cubana. *Catauro – Revista Cubana de Antropología*, Havana, vol. 12, n. 22, pp. 52-56, 2010.
- HAVEL, Václav. The Power of the Powerless. In: VLADISLAV, J. (org.). *Living in Truth*. Boston: Faber and Faber, 1987. Pp. 36-122.
- HERNÁNDEZ-REGUANT, Ariana. (Org.) *Cuba and the Special Period: Culture and Ideology in the 1990s*. Nova York: Palgrave-McMillan, 2009.
- HERZFELD, Michael. *Cultural Intimacy: Social Poetics in the Nation-State*. London: Routledge, 1997.
- JUSIONYTE, Ieva. *Savage Frontier: Making News and Security on the Argentine Border*. Berkeley: University of California Press, 2015.
- KLIGMAN, Gail. *The Politics of Duplicity: Controlling Reproduction in Ceausescu's Romania*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- KORNAI, János. *The Socialist System: The Political Economy of Communism*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- LLANES, Miriam Teresita. Huracanes. Desastres naturales en Cuba. *Catauro – Revista Cubana de Antropología*, Havana, vol. 12, n. 22, pp. 208-209, 2010.
- MACLE CRUZ, Jorge. El huracán como instrumento de análisis de la sociedad. *Catauro – Revista Cubana de Antropología*, Havana, vol. 12, n. 22, pp. 57-65, 2010.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonauts of the Western Pacific*. Londres: Routledge, 1922.
- MATOS ARÉVALOS, El huracán: arqueología de lo cubano. *Catauro – Revista Cubana de Antropología*, Havana, vol. 12, n. 22, pp. 38-42, 2010.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003. Pp. 181-312.
- MITCHELL, Timothy. Society, Economy, and the State Effect. In Steinmetz, G. (org.) *State/Culture: State-Formation after the Cultural Turn*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1999. Pp. 76-97.
- ORTIZ, Fernando. *El huracán: su mitología y sus símbolos*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1947.
- PÉREZ, Louis. *Winds of Change: Hurricanes and the Transformation of Nineteenth-Century Cuba*. Durham, NC: University of North Carolina Press, 2001.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli. *The Cuban Revolution: Origins, Course and Legacy*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- POGOLOTTI, Graziela. El ciclón del 44. *Catauro – Revista Cubana de Antropología*, Havana, vol. 12, n. 22, pp. 114-116, 2010.
- RABINOW, Paul. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1977.

- RAMOS GUADALUPE, Luis Enrique. *Hurricanes: desastres naturales en Cuba*. Havana, Editorial Academia, 2009.
- RODRÍGUEZ RUIZ, Pablo et al. *Las relaciones raciales en Cuba*. Havana: Fundación Fernando Ortiz, 2010.
- ROUTON, Kenneth. *Hidden Powers of the State in the Cuban Imagination*. Gainesville: University Press of Florida, 2012.
- RUBY, Jay. (Org.) *A Crack in the Mirror: Reflexive Perspectives in Anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.
- SAWYER, Mark. *Racial Politics in Post-Revolutionary Cuba*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SILVERSTEIN, Michael. Shifters, Linguistic Categories, and Cultural Description. In BASSO, K.; SELBY, H. A. (org.), *Meaning in Anthropology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976. Pp. 11-55.
- TURNER, Victor. *The Ritual Process*. Chicago: Aldine Publishers, 1969.
- VERDERY, Katherine. *National Ideology under Socialism: Identity and Cultural Politics in Ceausescu's Romania*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- _____. *What Was Socialism, and What Comes Next?* Princeton: Princeton University Press, 1996.
- WEINREB, Amelia Rosenberg. *Cuba in the Shadow of Change: Daily Life in the Twilight of the Revolution*. Gainesville: University Press of Florida, 2009.
- WORLD METEOROLOGICAL ASSOCIATION. *Report on 2008 Hurricane Season in Cuba (Submitted by Cuba)*. Nassau: [s.n.], 2009.
- YURCHAK, Alexei. *Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

autor João Felipe Gonçalves
 É professor-doutor no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, com graduação em Ciências Sociais (UFMG), mestrado em História (John Hopkins University) e Antropologia Social (Museu Nacional - UFRJ), e doutorado em Sociocultural Anthropology, pela University of Chicago.

Recebido em: 30/12/2017
Aceito para publicação em: 09/04/2018